

TUDO QUE RESPIRA, CONSPIRA

Introdução ao dossiê Socioanimalidades: animais e humanos nas Ciências Sociais

Felipe Vander Velden¹
Gabriel Sanchez²
Luisa Amador Fanaro³
Sarah Faria Moreno⁴
Bruno Silva Santos⁵

*Confira,
tudo que
respira...
conspira
Tudo é vago e muito vário
meu destino não tem siso,
o que eu quero não tem preço
ter um preço é necessário,
e nada disso é preciso
Isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é...
ainda vai
nos levar além.
Paulo Leminski*

Os seres que chamamos de animais estão por toda parte. Ao longo da vida ao nosso lado, ou contra nós, como nossos companheiros ou como – eventualmente – nossos predadores ou algozes. No que comemos ou deixamos de comer. Em nossas casas, no trabalho, no lazer, em todo canto. No que vestimos, no que sentimos, no que pensamos e falamos, com quem cooperamos ou a quem combatemos. Figurativa ou literalmente, num livro velho que eventualmente abrimos, ou como símbolos poderosos nas ideologias e movimentos políticos. Nos céu, na terra, em todas as águas – de uma poça aos oceanos – e nos subterrâneos. Até mesmo na constituição dos nossos corpos, no que nós somos como indivíduos biológicos e como seres sociais. Animais e humanos encontram-se, confrontam-se, co-constituem-se e se transformam mutuamente desde sempre, até o ponto em que a simples oposição entre eles parece já não mais se sustentar – um animismo generalizado? –, e homens e mulheres perdem sua centralidade diante da mais pura dependência em relação a tudo o que move, respira e vive conosco... e, por vezes, conspira contra nós.

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFSCar

² Mestrando PPGAS/UFSCar

³ Mestranda PPGAS/UFSCar

⁴ Mestre pelo PPGAS/UFSCar e Doutoranda do PPGAS/UFRGS

⁵ Mestrando PPGAS/UFSCar

Deve-se, assim, refundar o social abrindo-o à incorporação desses muitos e muitos outros que são, e ao mesmo tempo não são, como nós, tomando-se todo o cuidado com o antropocentrismo e o humanismo mais ou menos residuais. Deve-se repensar a sociedade em sua diversidade interespecífica, multiespecífica, transespecífica. É por isso que decidiu-se empregar, neste dossiê, o neologismo *socioanimalidade*. Trata-se de veicular a ideia de que *social* e *animal* só se encontram em oposição em um domínio muito específico do conhecimento naturalista ocidental que teima em identificar o social apenas ao fenômeno humano – exceto, claro, quando faz menção a certos *insetos sociais*, tema, por esta razão, clássico em reflexões sobre a sociedade ou socialidade humanas, como demonstram as reflexões de Karl Marx e de muitos outros a respeito das complexas e sofisticadas sociedades de formigas, cupins e, principalmente, abelhas (cf. Raffles, 2010). Júlia Lins, em seu artigo incluído neste dossiê, mostra-se herdeira desta longa tradição interessada na socialidade dos insetos, cruzando antropologia, etologia e literatura na procura por métodos mais sensíveis para o entendimento da cultura e da sociedade.

Social e animal, portanto, não são termos mutuamente exclusivos, posto que não apenas humanos sociais são também animais, mas igualmente porque animais são seres sociais. Mais do que isso, social e animal conectados aqui pretendem indicar que as socialidades e sociabilidades humanas e animais estão, e sempre estiveram, profundamente imbricadas – famílias humanas e a criação de bodes e cabras, por exemplo, se fazem mutuamente no sertão pernambucano, deixando marcas nos corpos, na paisagem e nas histórias pessoais de coletivos humanos e animais, como demonstra o artigo de Ariane Vasques. Não é mais possível que continuemos a separar uns e outros, por qualquer critério que se eleja, e nem mesmo materialmente, já que nossos corpos humanos são constituídos de miríade de seres não humanos, a convivência com eles mostrando-se fundamental para o modo como nos tornamos e somos humanos. Dependência, co-constituição, co-evolução – e não apenas no exemplo mais gritante da domesticação, talvez o signo elevado da convivência (para o bem ou para o mal): o mesmo carrapato que afeta o gado agride o pastor nuer (Evans-Pritchard, 1978), o mosquito carregado de plasmódios sofre com esta incômoda presença em seu corpo assim como nós, ao nosso tempo, também a sofreremos (Maia, 2018). Leiaamos Donna Haraway (2008) com todas as consequências de seu argumento: as espécies companheiras (*companion species*) não são somente aquelas de cuja presença desfrutamos alegremente no calor dos nossos lares, como querem crer muitos dos que têm a vista turbada pelo fenômeno pet. Elas incluem também aqueles *unloved others* (Rose & Van Dooren, 2011; Moreno, 2017), que na melhor das hipóteses, toleramos ao nosso lado, sob nossos pés ou sobre nossas cabeças e, na pior, nos devoram por dentro. Mas socianimalidades, como reza este dossiê, são necessariamente plurais, e mesmo esses animais indesejáveis são seres plenos de ambivalência, como mostram os ratos e seu complexo e ambíguo simbolismo – que vai do temido vilão dos esgotos até Mickey Mouse e Ratatouille – analisado, neste volume, por Michael Alves.

Socioanimalidades são plurais ainda porque devem interessar tanto à antropologia como ciências afins – sendo estas disciplinas companheiras muitas outras além das humanidades, uma vez que, como dissemos, social e animal, humano e biológico, não se separam. É por isso que, aqui neste dossiê, estão incluídos dois trabalhos oriundos de pesquisadoras alheias à antropologia (os artigos de Larissa Popazoglo e de Keyli Francisco e Heloísa Helena Correia) ainda que em diálogo com ela. Isso deve nos lembrar que, se a disciplina antropológica reclama os animais como sua província – tirando parte deles, por assim dizer, das ciências da vida (que os têm, obviamente, conservado como seu quinhão há tempos) –, eles claramente não lhe são exclusivos, pois há outras áreas do conhecimento no interior das humanidades muito interessadas nos animais, e produzindo material sumamente interessante sobre eles – como os estudos literários, os estudos culturais e a sociologia.

Cabe, ademais, que a antropologia interessada nos animais também reivindique espécies ou domínios ecológicos ou produtivos que sempre estiveram a cargo de outras especialidades no campo disciplinar. É o que justifica a inclusão, nesta coletânea, do artigo de Paulo de Almeida Filho sobre homens e peixes no litoral potiguar. Se a pesca e os pescadores constituem uma antiga e consolidada área de pesquisa antropológica, não devemos nos esquecer que os peixes são animais – mesmo que, para boa parte das pessoas, suas misteriosas vidas subaquáticas, suas expressões faciais aparentemente anódinas e seus corpos frios os coloquem longe de nós e à distância de aves e mamíferos, os nossos animais (*beasts*) por excelência (Lien, 2015). Os peixes e os humanos que com eles interagem, lutam, ganhando ou perdendo, somam-se, assim, à criaturas cujo estudo já acumula longa tradição nas ciências sociais e humanas, como os primatas, tratados, no presente dossiê, por Larissa Popazoglo. De modo muito pertinente, a autora, criticando o Great Ape Project (Cavaliere & Singer, 1993), reivindica que todos os animais sejam considerados sujeitos de interesses (*sensu* Regan, 2006) – e o que podemos fazer, como acadêmicos, é estender este apelo aos colegas para que se interessem, científica e politicamente, por todos os animais, sem exceções, inclusive ratos e camundongos, baratas e tantos outros julgados asquerosos, ou suspensos na posição ambígua entre o extermínio e a proteção.

Isso implica em olhar para práticas de convivência comuns, em busca de toda a complexidade oculta sob o véu do cotidiano, do rotineiro e do tradicional, como faz Gabriel Sanchez com os canários e seus criadores, demonstrando a riqueza de detalhes escondida sobre o ato, aparentemente banal, de criar passarinhos. Implica, também, em investigar hábitos e eventos moralmente condenáveis e mesmo ilegais que envolvem animais, mas que radicam na sociedade brasileira, mesmo que nas sobras: é o caso das brigas de galo no interior de Sergipe, abordadas por Lucas Vieira em condições de pesquisa de campo marcadas pela suspeição e pelo perigo, que ecoam a famosa descrição de Clifford Geertz (1989) finalmente conectando-se aos balineses ao experimentar o medo que se segue à chegada da polícia a uma rinha que acompanhava.

Em toda parte, por todo lugar, mesmo dentro de nossas entranhas, comensais, parasitas, mutualistas, os animais nos espreitam. Se nós, como humanos e como cientistas, olhamos para eles, eles, é certo, nos devolvem o olhar – ou olhares, no caso daqueles seres com múltiplos ou multifacetados olhos. Esse olhar animal sobre o humano, teorizado, na filosofia, por Jacques Derrida (2002), ainda carece de abordagens antropológicas: afinal, o que pensam as pessoas sobre o que pensam os animais (Vander Velden, 2017)? Talvez só mesmo a literatura possa responder às complexidades envolvidas nessas visões animais inquisitivas sobre o estranho fenômeno humano, e apenas poetas, contistas e romancistas tenham o dom de descortinar o que se passa nas cabeças peludas, emplumadas ou microscópicas de burros e búfalos. Keily Francisco e Heloísa Helena Correia nos oferecem algumas pistas na sua análise dos contos de Mia Couto e Clarice Lispector.

Além disso, os animais resistem. Recusam, muitas vezes, nossos olhares indiscretos. Ou reagem de forma ativa, por vezes violenta, e uma longa lista desses atos (frequentemente desesperados) de resistência e luta é teorizada por Jason Hribal (2011). Mas isso acontece todo dia, em todo lugar – mesmo naqueles espaços naturais cuidadosamente montados e controlados para garantir a fruição da natureza por parte das populações urbanas, conforme ilustra Matheus Pereira da Silva com a narrativa de seu envolvimento com um macaco escapado no Bosque Rodrigues Alves – Jardim Botânico da Amazônia (BRAJBA), na cidade de Belém do Pará.

Os artigos reunidos neste dossiê mostram a criatividade de jovens pesquisadores e pesquisadoras na sua abordagem dos engajamentos multiespecíficos entre humanos e diferentes animais: cabras e bodes, peixes, burros e búfalos, canários, ratos, chimpanzés e outros macacos

“perigosos”, galos de briga. Como se vê, as contribuições de que o leitor desfrutará fogem um pouco ao padrão dominante das análises antropológicas de relações entre humanos e animais, excessivamente concentradas em cães e gatos e no mundo pet – o que não vale, claro, para cachorros de aldeias indígenas (Santos, 2017) ou esses animais, domésticos, selvagens ou mesmo sobrenaturais, em contextos quilombolas (Fanaro, 2016) ou rurais (Vasques, 2016) variados. Já é mais do que hora de sairmos um pouco de veterinárias, pet shops, casas e quintais citadinos (cf. Bevilacqua & Vander Velden, 2016), direcionando nossas investigações para a miríade de emaranhamentos socioanimais que nos conectam, todo dia e por toda a vida, com essas criaturas ao mesmo tempo tão semelhantes e tão diferentes de nós.

* * *

Deve-se registrar que este dossiê, muito gentilmente acolhido pela Florestan, constitui parte dos esforços coletivos do *Humanimalia – Grupo de Estudos sobre Relações entre Humanos e Animais*, que é parte do LETS – Laboratório de Etnologias Transespecíficas da Universidade Federal de São Carlos, e do qual todos os organizadores são membros ativos. O Humanimalia reúne um conjunto de pesquisadores interessados, sobretudo, em ampliar o escopo das investigações antropológicas sobre interações humano-animais para além dos já clássicos espaços domésticos urbanos (geralmente burgueses), povoados por cães e gatos, algo bem ao espírito, conforme já assinalado, das contribuições aqui reunidas. Esperamos que os artigos que seguem esta breve apresentação sejam estímulo para que jovens antropólogos e antropólogas passem a se ocupar em perseguir emaranhados mais-que-humanos menos convencionais ou familiares, e que eles possam nos levar além, mesmo – e justamente porque – que seja tudo exatamente diferente daquilo que a gente é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEVILACQUA, Ciméa & VANDER VELDEN, Felipe (orgs.). 2016. *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. São Carlos: Editora da UFSCar/Curitiba: Editora da UFPR.
- CAVALIERI, Paola & SINGER, Peter (eds). 1993. *The Great Ape Project*. New York: St. Martins.
- DERRIDA, Jacques. 2002. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora UNESP.
- EVANS-PRITCHARD. Edward. 1978. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva.
- FANARO, Luisa Amador. 2016. “Territoriality and animality: human-animal relations in quilombola communities of Brazil”. *Entropic: Eletronic Journal of Studies in the Tropics*, v. 15: 13-30.
- GEERTZ, Clifford. 1989. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp. 278-321.
- HRIBAL, Jason. 2011. *Fear of the animal planet: the hidden history of animal resistance*. Petrolia: CounterPunch.

LIEN, Marianne. 2015. *Becoming salmon: aquaculture and the domestication of fish*. Berkeley: University of California Press.

MAIA, Túllio Dias da Silva. 2018. *Cada um com sua luta: uma etnografia da relação entre sertanejos e mosquitos no alto sertão sergipano*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos.

MORENO, Sarah. 2017. "Entre o desprezo e a estima habitam pombos, ou, como se conviver com o cotidiano não amado". *Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia (ReACT)*. Campinas: ReACT, v. 3: 34-52.

RAFFLES, Hugh. 2010. *Insectopedia*. New York: Vintage Books.

REGAN, Tom. 2006. *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. São Paulo: Lugano.

ROSE, Deborah & van DOOREN, Thom. 2011. "Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions". Special issue of *Australian Humanities Review*, vol. 50.

SANTOS, Bruno. 2017. "Dó e alegria: relações entre os Guarani-Mbya e seus cães no Jaraguá/SP". *Ambivalências*, v.5, n.10: 49-81.

VANDER VELDEN, Felipe. 2017. "Fazendo animais sabidos: interações naturalculturais nas práticas cinegéticas Karitiana (Rondônia)". In: G. Marchand & F. Vander Velden (orgs.), *Olhares cruzados sobre as relações entre seres humanos e animais silvestres na Amazônia (Brasil, Guiana Francesa)*. Manaus: EDUA, p. 65-84.

VASQUES, Ariane. 2016. *As veredas do bode: criação na solta e laboro no sertão de Pernambuco*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos.